

Clássicos Juvenis TRÊS POR TRÊS

TRÊS ANIMAIS



O CHAMADO SELVAGEM

Jack London

BELEZA NEGRA

AUTOBIOGRAFIA DE UM
CAVALO

Anna Sewell

HERÓI, O GATO

Marcia Kupstas

ILUSTRAÇÕES CÁSSIO LIMA

1ª edição

Conforme a nova ortografia

Coleção Três por Três

Gerente editorial

Rogério Gastaldo

Assistentes editoriais

Jacqueline F. de Barros / Valéria Franco Jacintho

Revisão de texto

Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.) / Alexandra Costa / Cid Ferreira / Juliana Batista

Pesquisa iconográfica

Cristina Akisino (coord.) / Piero Cassa (estagiário)

Gerente de arte

Nair de Medeiros Barbosa

Assistente de produção

Grace Alves

Diagramação

Edsel Moreira Guimarães

Coordenação eletrônica

Silvia Regina E. Almeida

Colaboradores

Projeto gráfico

Estúdio Graal

Ilustrações

Cássio Lima

Coordenação

Marcia Kupstas

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar

Isabel Cabral

Preparação de texto

Edilene Martins dos Santos

Impressão e acabamento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Kupstas, Marcia

Três animais / ilustrações Cássio Lima. — São Paulo : Atual, 2009. —

(Coleção Três por Três : clássicos juvenis / coordenação Marcia Kupstas)

Conteúdo: O chamado selvagem / Jack London — Beleza Negra :
autobiografia de um cavalo / Anna Sewell — Herói, o gato / Marcia Kupstas.

ISBN 978-85-357-0776-2

1. Literatura infantojuvenil I. London, Jack, 1876-1916. II. Sewell, Ana,
1820-1878. III. Kupstas, Marcia. IV. Lima, Cássio. V. Série.

CDD-028-5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

2. Literatura juvenil 028.5

8ª tiragem, 2017

Copyright © Marcia Kupstas, 2007.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

Todos os direitos reservados.

CL: 810402

CAE: 602653

SUMÁRIO

Prefácio

Três animais críticos 7

○ CHAMADO SELVAGEM 9

Jack London 10

1. Retorno à vida selvagem 11
2. A lei do porrete e da dentada 14
3. O ataque dos cães-lobos 16
4. Buck na liderança 20
5. Dois donos e uma dona 23
6. Amor a um homem 28
7. O chamado da selva 31



BELEZA NEGRA — AUTOBIOGRAFIA DE UM CAVALO 35

Anna Sewell 36

Primeira parte

1. Meu primeiro lar 37
2. Surge Beleza Negra 39
3. A história de Ginger 41
4. Lições da vida 45



5. Adeus a um amigo 48
6. Tempos difíceis 51
7. A partida 53

Segunda parte

1. Earlshall 54
2. *Lady Anne* 56
3. A tragédia de Smith 58
4. Tempo de convalescer 60



Terceira parte

1. Um cavalo de aluguel 61
2. Um ladrão e um embrulhão 63
3. Feira de cavalos 65
4. Novo lar, novo trabalho 66
5. Um cavalo na guerra 68
6. Nas ruas de Londres 70
7. Pobre Ginger 71
8. Bem que tanto dure 73
9. Mal que nunca acaba 74
10. O fim da jornada 76



HERÓI, O GATO 79

Marcia Kupstas 80

1. Eu, o filho da gata Mel 81
2. O parque 82
3. Dois tipos de almoço 83
4. Um gato descobre seu valor 84
5. Pequenas caçadas 87
6. O grande gato negro 89
7. O pulo do gato 91
8. A história de Cicatriz 93
9. Ideias de um gato quase adulto 97
10. O menino e a água 98
11. A família decide 100
12. Conselhos de Cicatriz 101
13. Ano-novo 103



TRÊS ANIMAIS CRÍTICOS

Três autores, três épocas, três lugares... e um tema central, reunindo três diferentes narrativas. Quantas semelhanças pode haver entre essas histórias, quantas são suas particularidades...

Entre os animais domésticos, o cão, o gato e o cavalo provavelmente são os mais familiares e os que mais seduziram a imaginação humana. Admiramos e respeitamos certas características como a fidelidade canina, a esperteza do gato e a força física do cavalo, e as associamos, por exemplo, à lealdade, à amizade e ao trabalho, valores presentes há milênios em lendas, mitos e contos folclóricos de diversos povos.

Este volume reúne histórias desses três bichos, representados por personagens bastante lúcidas de sua condição animal e também muito críticas em relação ao homem. O cachorro Buck, de *O chamado selvagem*, de Jack London, o cavalo Beleza Negra, do livro de mesmo nome, de Anna Sewell, e Preto, de *Herói, o gato*, de Marcia Kupstas, são exemplos de que animais domésticos podem ser dóceis diante da boa liderança do homem, mas são protagonistas críticos dos costumes humanos, especialmente do abuso ou mau uso da supremacia humana sobre as demais espécies do planeta.

Buck é um cão mestiço grande e obediente, que mora com a família de um juiz. Roubado e vendido a garimpeiros, vai parar no Ártico, como condutor de trenó. Sua experiência com humanos passa por traumática mudança. Passa a ser explorado e espancado, sofre de fome e de frio, tem de se impor pela força física e violência contra os colegas de trabalho.

Beleza Negra também nasce em lugar privilegiado e o mais provável era ter um destino tranquilo, em uma típica fazenda inglesa. Porém, os transtornos na vida dos homens — doença familiar, problemas econômicos, mudança geográfica — também afetam sua trajetória. De mão em mão, da propriedade de um fidalgo chega às mais miseráveis feiras de cavalos; conhece a bonança e a generosidade, que brindaram seus mais felizes anos, e a estupidez e a ganância, que quase o levaram à morte.

O gato Preto nasce livre em um parque público. Sua mãe já fora gata doméstica, mas acabou abandonada pelos humanos, por quem nutre os contraditórios sentimentos de amor e ódio. Diante da possibilidade de adoção, Preto topa com o preconceito, quando é taxado de “gato preto, que dá azar”.

Nas três histórias, o ponto de vista é o dos animais; em *Beleza Negra* e *Herói, o gato*, eles são inclusive os narradores. Há episódios densos e mesmo dramáticos; é difícil conter a emoção diante de situações como a que vive Buck, espancado para atravessar um rio caudaloso; não se solidarizar com Preto, vítima de preconceito; ou não se condoer de Beleza Negra, sobrecarregado além de suas forças, prestes a sucumbir. Mesmo mantendo um relato dramático, os autores não quiseram transformar seus personagens em simples vítimas. Eles sofrem, mas reagem.

Essa visão crítica que as personagens têm do próprio destino e a maneira como este está vinculado ao de seus donos registram de modo marcante a dualidade da alma humana, no seu livre-arbítrio diante do Bem e do Mal. Há bons condutores de cavalos, há bons líderes de matilha, há lares generosos para com os felinos domésticos. Mas há também a violência gratuita, a vingança pela resistência, a desconsideração das necessidades físicas básicas de quem está sob sua guarda. Diante dessa duplicidade, nossas personagens podem ser muito reflexivas.

Mas se elas censuram e depreciam os comportamentos reprováveis, também reconhecem a grandiosidade da convivência sadia com humanos. Buck e Preto têm até a possibilidade de optar por seu lado “selvagem” ou por partilharem seu dia a dia com pessoas especiais.

Esses elementos narrativos, comuns às três histórias, nos instigam a refletir, por nosso lado, sobre como tratamos e convivemos com os bichos domésticos.

A proposta inovadora da coleção **Três por Três** consiste na adaptação modernizada de textos antigos, de autores significativos da literatura universal, que dialogam com uma história de escritor brasileiro, também autor das adaptações. E tem como desafio maior atrair o jovem leitor a conhecer obras escritas em épocas anteriores à sua, sobre temas que, mesmo em nossos dias, continuam relevantes e desafiadores.

Boa leitura!

Marcia Kupstas

O CHAMADO SELVAGEM

Jack London



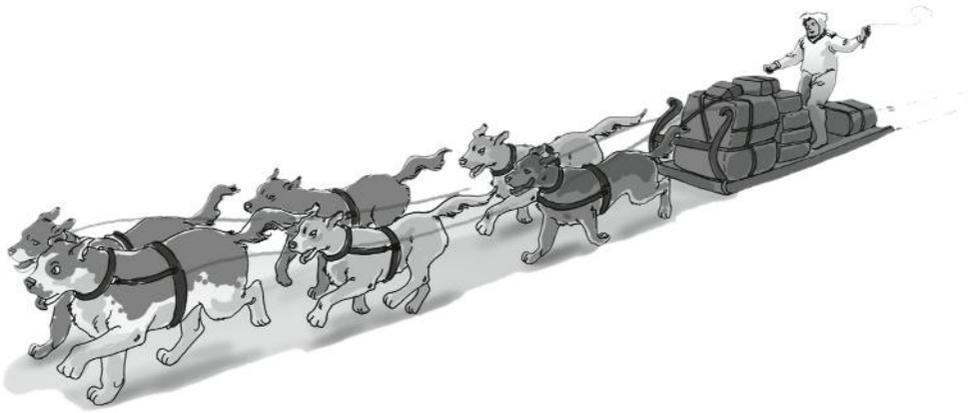
Adaptação de Marcia Kupstas

JACK LONDON.

Norte-americano, nasceu em São Francisco, em 1876, e faleceu na mesma cidade, em 1916. Seu nome de batismo é John Griffith Chaney, mas sua mãe, Flora Wellman, casou-se com o viúvo John London quando o filho tinha apenas alguns meses de vida e foi com o sobrenome do padrasto que o escritor se imortalizou.

De infância paupérrima, frequentou a escola formal por muito pouco tempo. Sua educação se completou com o autodidatismo e a intensa curiosidade que o fazia devorar livros. Lia de sociologia a ciência política, de filosofia a literatura clássica... porém, o jovem Jack tinha pouquíssimo tempo diário para se dedicar à sua formação intelectual. Era época de crise na Califórnia e, com o desemprego do padrasto, Jack precisou ajudar no sustento da família. Dos 11 aos 17 anos, foi entregador de jornais, operário, levantador de pinos em um boliche, vendedor de rua, estivador e até pirata de ostras! Um grupo de jovens audaciosos atacava os barcos de pesca e Jack descobriu que, numa empreitada, poderia conseguir mais de 200 dólares. Seguiu nessa vida até ser convidado a entrar na Patrulha de Pesca. Sua tarefa era apreender cargas de contrabando e pesca ilegal. Sempre que possível, Jack dedicava-se às suas leituras. Escreveu algumas histórias e as enviou a revistas, o que lhe rendeu apenas alguns centavos.

No final do século XIX, sua ânsia por aventuras foi contemplada. Descoberto ouro no Alasca, Jack seguiu para lá, disposto a enriquecer. Amargou fome e doença (contraiu escorbuto), mas, ao voltar a São Francisco, trazia um tesouro: não pepitas, mas histórias e personagens. Escreveu contos sobre aquela região remota e povoada de garimpeiros, marinheiros, esquimós, caçadores, que fascinaram o público. Em 1903 já havia publicado uma centena de contos e se tornou um nome conhecido do público. Escreveu também, entre outros, os romances O lobo do mar, Caninos brancos e O chamado selvagem. Estes últimos, sobre cães no limite entre a selvageria e a domesticidade, protótipos de suas crenças em valores como coragem, honra, determinação e autossuficiência. Valores que acreditava serem essenciais na formação do caráter humano.



RETORNO À VIDA SELVAGEM

AINDA BEM QUE BUCK NÃO LIA JORNAIS! Se ele soubesse ler, talvez pudesse suspeitar que grandes problemas estavam para surgir, não apenas para si, como também para todos os cães musculosos e peludos da região. Acontece que alguns homens haviam encontrado um metal amarelo perto do Ártico e, desde que a notícia se espalhou, multidões de aventureiros se arriscavam por ali, conduzindo trenós puxados por cães robustos e de pelos grossos.

Buck era um cachorro exatamente assim, misto de pai são-bernardo e mãe pastora escocesa. O falecido pai de Buck tinha sido o grande companheiro do juiz Miller, dono de uma fazenda na região de Santa Clara. O filho estava agora com quatro anos de idade e continuava a tradição de cuidar da propriedade.

Buck era o rei da fazenda! Havia outros cães, é verdade, mas Buck não se incomodava com eles. Nem era caseiro, nem de canil. Apesar dos inúmeros cães domésticos, como a cadela mexicana sem pelo ou os *fox terriers* turbulentos, era ele o escolhido para caçar com os filhos do juiz, escoltar suas filhas nos passeios, servir de montaria para seus netos ou, orgulhoso, dormir aos pés do dono nas noites de inverno, quando o magistrado fumava o cachimbo junto da lareira.

Aquele reino lhe pertencia, até o verão de 1897, quando a febre do ouro do Klondike arrastava multidões para as regiões geladas do Norte. Entretanto, isso Buck não poderia saber, porque não lia jornais...

Mas Manuel lia. Ele, ajudante do jardineiro na fazenda do juiz, sabia quanto os garimpeiros do Alasca pagavam por cães robustos e de pelo grosso, como Buck.

Certa tarde, Manuel passou uma corda pelo pescoço do cachorro e saiu com ele através do pomar. O cão estava acostumado com o ajudante de jardineiro e não poderia imaginar que aquela era a última vez que ultrapassava os portões da propriedade e via aquelas colinas!

Na estação ferroviária, Manuel se encontrou com um homem estranho. Algumas notas passaram da mão de um para o outro e Buck foi surpreendido pelo forte puxão na coleira. Não teve tempo de reagir e se viu jogado numa espécie de jaula, dentro de um vagão de trem que logo seguiu viagem.

Ali começava seu pesadelo.

Ali começava sua aventura.

Foi uma longa viagem de trem, em que Buck permaneceu enjaulado. Homens estranhos surgiam e desapareciam em cada parada, falando sobre ele ou elogiando sua robustez, mas ninguém teve a ideia de alimentá-lo ou lhe dar água. Com a fúria de um rei raptado, o cão aguardava a iminente ajuda do juiz ou de algum empregado da fazenda, mas era uma espera vã. Seus latidos aos poucos foram engrossando e a sede o fazia soltar apenas um som que morria na garganta como um rosnado selvagem.

A viagem durou dois dias e duas noites. Em Seattle, finalmente, Buck foi tirado do vagão e conduzido para o pátio de um quintal.

— Você não vai tirá-lo da jaula, Druther? — alguém perguntou.

— Claro — respondeu um homem barbudo, de suéter vermelho. — Na hora certa.

— Druther é o melhor domador de cães de Seattle — comentou outro homem, apontando para o de suéter vermelho. — Se alguém pode domar esse diabo de olhos vermelhos, é ele.

O “diabo de olhos vermelhos” a que se referiam era Buck. Depois de dois dias de sede e desconforto, o antigo cão dócil do juiz parecia uma fera ou um demônio, louco para se atirar sobre aqueles estranhos e, se o pudesse fazer naquele momento, era certo que algumas gargantas acabariam cortadas.

Mas Druther conhecia seu ofício: antes de soltar o cão, armou-se de um machado e um porrete.

— Agora, diabo de olhos vermelhos — disse —, pode vir que tenho o que você precisa...